

**Within a topographical Portico:  
(re)reading the Woodland Crematorium**

[Do Pórtico topográfico: uma releitura do Crematório do Bosque]

Mafalda Ribeiro<sup>1</sup>, Helder Casal Ribeiro<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Student at Faculty of Architecture, University of Porto, Portugal

<sup>2</sup>Assistant Professor FAUP; Researcher CEAU – FAUP Group Atlas da Casa – Identidade e Transferência

O Crematório do Bosque representa uma das últimas grandes obras do arquitecto Gunnar Asplund, desempenhando um papel enigmático no seu corpo de obra. Localiza-se no Cemitério do Bosque, a sul de Estocolmo, desenhado juntamente com Sigurd Lewerentz, através de um concurso ganho por ambos, em 1915. Vinte anos depois, Asplund é convidado pela Comissão de Cemitérios da Suécia para desenhar o crematório, pensado para a entrada principal do cemitério, a Norte.

Dentro de uma atmosfera de culto e de silêncio, transmitida pela paisagem de todo o cemitério, a arquitectura do crematório tenta dar resposta aos sentimentos de perda e de dor causados pela morte, não só pela relação entre paisagem e arquitectura, mas também pelo trabalho das formas e de uma linguagem arquitectónica particular. O remate desejado para a entrada principal do cemitério, a Norte, e a procura pela harmonia entre conjunto e paisagem foram importante mote para o seu processo de desenho.

O conjunto, formado por três capelas, - Capela de Santa Cruz, Esperança e Fé -, e um crematório é antecedido por um pórtico. Este, é o elemento principal que articula volumetricamente todo o conjunto, compondo o primeiro impacto na entrada principal do cemitério. Ao anteceder a Capela de Santa Cruz, de maiores dimensões, este abrigo monumental constitui um importante espaço de transição entre o interior e o exterior, antes e depois da cerimónia fúnebre. O conjunto é estruturado a partir de um eixo, o Caminho da Cruz que, a partir da entrada principal do cemitério, guia-nos, criando vários momentos de contemplação sobre a paisagem.

No entanto, ao longo do processo de desenho, compreendido entre 1935 a 1937, o significado do pórtico e a sua relação com o conjunto e a paisagem variou. Inicialmente, o pórtico, desenhado como um elemento continuo sobre todo o conjunto, antecede todas as capelas e cria, assim, um grande abrigo sobre toda a paisagem.

Em Março de 1935, a hierarquia entre as capelas reforça uma ideia inicial que afirma um eixo, - com início na entrada principal do cemitério, em forma de semicírculo, e término na Capela de Santa Cruz.

Contudo, a continuidade do pórtico sobre o conjunto desvalorizava esta hierarquia, já que este elemento se impõe sobre todas as capelas. Assim, o desenho do pórtico avança, em Junho, para uma fragmentação, onde cada capela é antecidida, individualmente, por este espaço. A partir de Agosto, a procura por destacar a Capela de Santa Cruz faz com que Asplund teste o desenho do pórtico como um elemento único, salientando a sua posição face à paisagem.

A arquitectura do Crematório e a sua relação com a paisagem evoca, também, temas que Asplund absorveu das várias viagens que realizou, principalmente da viagem da Itália em 1913, pelo modo como a mesma foi significativa no desenvolvimento do seu discurso arquitectónico logo no início do seu percurso. Os vários desenhos realizados ao longo desta sua primeira viagem revelam a procura por apreender a harmoniosa relação entre arquitectura e paisagem. Os templos, progressivamente consumidos pelo tempo dialogam com a natureza, proporcionando uma atmosfera singular entre a sua aparente decadência e uma relação contínua com a paisagem.

Assim, o pórtico, que já começava a perder força na solução anterior enquanto elemento contínuo das três capelas, é agora, na solução apresentada em Novembro, um elemento desenhado de forma excepcional, que se destaca de todo o conjunto, visível a partir da entrada do cemitério, tal como um templo clássico. A proporção, a linguagem singular do seu desenho e a sua colocação sobre paisagem conseguem aproximá-lo dessa imagem.

O grupo escultórico “Ressurreição”, anteriormente colocado em eixo sobre a entrada no cemitério e em frente ao edifício, é agora parte integrante do pórtico, ascendendo sobre a cobertura, e contribuindo, assim, para acentuar a relação simbólica entre a vida e a morte. A luz, vinda dessa abertura, protegida por vidro, é filtrada, incidindo ao longo do dia sobre os rostos das figuras, proporcionando assim uma atmosfera singular.

O pórtico é antecedido pelos os pátios e pelos volumes das capelas que conferem um ritmo de cheios e vazios à sua composição, procurando realçar a sua posição de todo o conjunto. O Caminho da Cruz fortalece e destaca a sua posição, guiando-nos através de um muro contínuo que se desenvolve ao longo do percurso ascendente.

Ao anteceder unicamente a Capela de Santa Cruz, o pórtico é agora um grande abrigo sobre a paisagem que acolhe, antes e depois da cerimónia fúnebre, constituindo um importante

espaço de transição entre o interior e o exterior. A relação entre estes dois espaços é acentuada através do desenho do pavimento com uma inclinação sentida desde o pórtico. Desta forma, Asplund pretende acentuar a perspectiva já a partir do exterior, e incidir o olhar do público sobre o caixão e, no sentido inverso, sublinhar a dimensão da paisagem para o interior. A relação entre a monumentalidade da paisagem e a atmosfera do interior é acentuada poeticamente.

A proporção do pórtico e a sua relação com o conjunto é ajustada até à fase final. O enfoque sobre o ritmo do alçado principal e a persistência por uma ideia de continuidade trazida pelo muro desde a entrada Norte do cemitério, foi determinante para as alterações que se seguiram, antes de atingir o resultado pretendido. Assim, ao desenhar vãos maiores, a imagem final do pórtico fortalece o carácter permeável do espaço na sua relação com a paisagem.

No entanto, ao variar as suas proporções nas últimas fases, afastando-se da imagem de um templo, a materialidade usada no alçado principal, - placas de mármore branco, submetidas a um tipo de corte e progressiva oxidação - ajuda a acentuar a intenção da atmosfera pretendida. Com a passagem do tempo, este revestimento ganha uma cor particular, aproximando-se, metaforicamente, a uma ruína, e fortalecendo, assim, a harmonia com a paisagem.

No interior deste abrigo, contemplamos a paisagem desenhada através de vários espaços que, ancorados a simbologias e rituais, relacionam-se visualmente. O espelho de água reflecte o pórtico e cria uma harmoniosa relação com o Monte do Repouso, ou Praça Cerimonial, ligado a rituais funerários. Já no Monte da Lembrança, um espaço de refúgio individual e tranquilo, cria-se um momento de contemplação sobre todo o conjunto.

Nesta última versão, de 1937, Asplund reforça, com pormenor, a harmoniosa relação entre o pórtico e a Capela de Santa Cruz. No pórtico, a métrica é excepcionalmente quebrada no momento de entrada para a capela, onde é retirada a coluna que ficaria no eixo com o pano de vidro. Desta forma, proporciona-se um equilíbrio no momento de transição da métrica estrutural do pórtico para o interior, sublinhando a continuidade espacial entre ambos os espaços. O pavimento, revestido em pedra, é desenhado radialmente, a partir do catafalco, sendo perceptível no exterior, no momento da transição entre o pórtico e a capela contribuindo, juntamente com o declive, a enquadrar o olhar sobre o caixão. No interior, este declive acentua a presença da paisagem.

Simbologias inerentes à morte e ao renascimento são evocadas a partir da expressão arquitectónica do pórtico e da Capela de Santa Cruz. Assim, durante a cerimónia, o pano de vidro da capela desce mecanicamente pelo chão, permitindo um prolongamento do interior para o exterior, fortalecendo esta dimensão simbólica e o momento da despedida, através do diálogo com a paisagem.

A partir de uma leitura sensível do lugar, Asplund responde com o desenho de uma obra que estabelece um diálogo aberto com a paisagem, compondo uma imagem final para o remate da entrada Norte. O pórtico, um volume permeável, predominantemente horizontal, estabelece um contraste com a irregularidade do desenho da sua envolvente, compondo um diálogo constante com a natureza.

Para concluir, através desta leitura, pretende-se enfatizar o contributo dos discursos do moderno para a Arquitectura Contemporânea. Através de vários temas, simbologias e uma intenção de atmosfera, Asplund procurou discutir ideias e conceitos, tentando encontrar a melhor forma de exprimir, através da arquitectura, uma continuidade da dimensão simbólica da paisagem e da sua atmosfera de paz e tranquilidade.